

A Dessacralização da Política e a Secularização: Contribuições Para o Estudo da Teologia Política

*The Desacralization of Politics and Secularization: Contributions to the Study of
Political Theology*

*La Desacralización de la Política y la Secularización: Aportes al Estudio de la
Teología Política*

Fernando Caldeira da Silva¹

International Institute of Religious Freedom - Community of Countries of Portuguese
Language, Portugal
fcdasilva@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como propósito discutir a emergência, na sociedade europeia, durante a Idade Média, de tendências de pensamento conducentes a uma nova cosmovisão. Entre outras coisas a nova cosmovisão conduzia à separação entre a religião e o estado, seguindo uma direção contrária à tradicional mistura dos dois como mito intocável. Algumas dessas tendências mais marcantes foram o Renascimento com o Movimento Humanista, a Reforma Protestante e a Revolução Francesa. Além disso, a Revolução Científica assim como o Iluminismo foram outros Movimentos que apontaram uma visão de mundo secular bastante diferente. Essa cosmovisão diferente acabou por resultar na dessacralização da política (tornando-a pluralista) e da consequente secularização da sociedade europeia e do ocidente. E também alterou o pensamento tradicional sobre o papel das Igrejas cristãs e da *Bíblia* no ocidente, formando uma nova teologia política.

Palavras-chave: Dessacralização, política, secularização

Abstract

The purpose of this article is to discuss the emergence in European society during the Middle Ages of trends of thought leading to a new worldview. Such new worldview lead to the separation of religion and state, following a direction contrary to the traditional blending of the two as untouchable myth. Some of such trends were the Renaissance with the Humanist Movement, the Protestant Reformation, and the French Revolution. In addition, the Scientific Revolution as well as the Enlightenment were other Movements that pointed to a quite different secular worldview. This different worldview eventually resulted in the desacralization of politics (making it pluralistic) and the consequent secularization of European society and that of the West. It also altered traditional thinking about the role of the Christian churches and that of the *Bible* in the West by forming a new political theology.

Keys-words: Desacralisation, politics, secularisation

Resumen

El propósito de este artículo es discutir la aparición en la sociedad europea durante la Edad Media de tendencias de pensamiento que conducen a una nueva visión del mundo. Entre

¹Doutor. Pesquisador. Director

outras cosas, la nueva cosmovisión llevó a la separación de religión y estado, siguiendo una dirección contraria a la tradicional mezcla de ambos como un mito intocable. Algunas de estas tendencias más llamativas fueron el Renacimiento con el Movimiento Humanista, la Reforma Protestante y la Revolución Francesa. Además, la Revolución Científica así como la Ilustración fueron otros Movimientos que apuntaban a una cosmovisión secular muy diferente. Esta diferente cosmovisión terminó por desacralizar la política (haciéndola pluralista) y la consiguiente secularización de la sociedad europea y occidental. También alteró el pensamiento tradicional sobre el papel de las iglesias cristianas y la Biblia en Occidente, formando una nueva teología política.

Palabras clave: Desacralización, política, secularización

Introdução

A sociedade europeia começou a emergir da Idade Média, adotando tendências de pensamento conducentes a uma nova cosmovisão. Essa nova cosmovisão originou a separação entre a religião e o estado, seguindo uma direção contrária à tradicional mistura dos dois como mito intocável. Algumas dessas novas tendências foram o Renascimento com o Movimento Humanista, a Reforma Protestante e a Revolução Francesa (Redhead, 2007:12). Além disso, a Revolução Científica e Industrial assim como o Iluminismo foram outros Movimentos que apontaram uma visão de mundo bastante diferente e como secular. Essa nova cosmovisão acabou por resultar na dessacralização da política (tornando-a pluralista) e na secularização da sociedade europeia e do ocidente. Mas alterou também a consciência sobre o que deveria ser o papel das Igrejas cristãs contribuindo assim para uma nova teologia política.

Para se compreender a história conducente à presente secularização das sociedades ocidentais é necessário abordar a narrativa do seu desenvolvimento filosófico. Assim, compreender-se-á neste artigo que esse desenvolvimento implicou a adoção da dessacralização da política num processo histórico que levou a uma nova teologia política. Consequentemente, abordam-se neste artigo temas como: (1) A sacralização da política como mito ancestral; (2) O cristianismo com a *kenosis*; O mistério da encarnação de Jesus Cristo e a Sua assunção da mundanização da sociedade humanizada conforme interpretada pelos protestantes; (3) A contribuição do Humanismo europeu para o debate acerca da teologia política; (4) Um estudo acerca da dessacralização da política e a consequente humanização, liberalismo e secularização; e, (5) A secularização nas vertentes da religião, da política e da racionalidade na sociedade ocidental moderna. Segue-se a abordagem acerca da sacralização da política como mito ancestral.

A sacralização da política como mito ancestral

A discussão sobre o antigo mito da sacralização da política é relevante porque ajuda a compreender a profunda transformação que aconteceu na Europa durante a Idade Média e que afetou profundamente o pensamento da sociedade ocidental moderna. De acordo com Ceglarska (2018:344) foi por essa altura que começou a separação entre os conceitos de ‘mito *sagrado*’ e de ‘*profano*’. Ceglarska (2018:344) explica que “...o mito clássico baseia-se na fé e nas crenças das comunidades primitivas, e portanto, pertencente à esfera do *sacrum*, enquanto o conhecimento relacionado com o *profanum* ainda não estava totalmente desenvolvido”.

De acordo com Lenzi & Stökl (2014:12) deve sublinhar-se “...que os reis do Iraque antigo exerciam a sua autoridade política através da manipulação hábil de dois sistemas, a saber, o burocrático e o simbólico”; isto é, a utilização do simbolismo dos mitos. De facto, grande parte das sociedades das primeiras civilizações estabelecidas ao redor do Mediterrâneo preferiam o sistema relacionado com o mito e o simbólico por serem iletrados (Lenzi & Stökl, 2014:12). Era-lhes mais fácil assimilar o que lhes aparecia como sobrenatural e sacro sem a necessidade de raciocínio (Lenzi & Stökl, 2014:12). Os reis precisavam convencer os seus familiares e os que como eles frequentavam a sua corte por forma a obter a sua cooperação no processo de implementação dos seus planos e decisões políticas (Lenzi & Stökl, 2014:12). Consequentemente, nota-se uma clara referência à adivinhação como sendo celestial (Lenzi & Stökl, 2014:13) Isto é, “...A densidade relativa de referências à adivinhação [celestial] nas inscrições dos Sargónídeos é um fenómeno bem conhecido” (Lenzi & Stökl, 2014:13). Com as suas decisões arbitrarias o rei era tido como uma espécie de poeta-profeta que se ligava intimamente às Musas para proclamar os seus ‘princípios’ e ‘verdades’ reveladas pelos deuses como ‘segredos celestiais’ (Lenzi & Stökl, 2014:13).

Usando o Antigo Egito como exemplo da realidade social e religiosa do mundo antigo é importante lembrar que “As civilizações antigas ergueram [as] suas cidades ao redor d[os] seus templos” (Câmara, 2014:110). Adicionalmente, Câmara (2014:110) sublinha o facto de que “O Antigo Egito floresceu, entre outros fatores, ao redor da sua religiosidade”. Ou seja, as “Suas divindades complexas e [a] sua cosmologia foram um importante meio de controle social e legitimação de poder”

(Câmara, 2014:110). Assim, as próprias “moradas dos egípcios nos revelam o cotidiano dessas pessoas...como...espaços... [nos quais se vivia um] ambiente doméstico [com] espaços para o culto de divindades, estátuas e imagens de deuses na decoração” (Câmara, 2014:110). Essa é a razão por que os “Mitos e espaços específicos para o culto de divindades estão sempre presentes nos estudos de civilizações antigas” (Câmara, 2014:111).

Desta forma eram marcantes a separação entre “o espaço sagrado e o espaço profano” (Câmara, 2014:111). Enquanto, por um lado, “o espaço profano é marcado por uma homogeneidade...o espaço sagrado é marcado por ruturas que diferenciam de forma qualitativa a experiência do indivíduo junto do seu espaço” (Câmara, 2014:111). De acordo com Câmara (2014:111),

Na experiência do espaço sagrado esse vem a mostrar uma orientação, uma forma de referência entre o caos da homogeneidade. Mas quando se trata do espaço profano não conseguimos observar esse ponto fixo, tornando-se a homogeneidade do espaço absoluta.

Consequentemente, Câmara (2014:112) apresenta como exemplo o caso dos “templos no Antigo Egito [que] tinham tamanha influência sobre [o] seu povo [e] que foram usados para legitimar a dinastia ptolemaica”. Ou seja, “podemos entender o templo como a legitimidade de poder sem o uso da força, mas sim através de símbolos” (Câmara, 2014:112-113). É necessário lembrar ainda que as atividades nos templos do mundo antigo iam além do serviço de adoração incluindo “tratar dos doentes, arquivar documentos e até para formação intelectual” (Câmara, 2014:113).

As famílias só se reuniam para adorar o mesmo deus que consideravam supremo e mais importante do que os deuses domésticos particulares de cada uma delas. À reunião das famílias chamavam de *fratria* na Grécia ou de *cúria* entre os romanos. No entanto, a agremiação dessas famílias só foi possível porque “e essa associação nova não se fez sem certo progresso da ideia religiosa” (Coulanges, 2006:83). De acordo com Coulanges (2006:83), a razão é porque

No mesmo momento em que se uniam, essas famílias conceberam uma divindade superior às divindades domésticas, um deus comum a todas, e que velava sobre todo o grupo. Levantaram-lhe um altar, acenderam um fogo sagrado, e instituíram um culto.

Com o tempo, “Cada *fratria* ou *cúria* tinha um chefe, *curião* ou *fratriarca*, cuja principal função era presidir aos sacrifícios” (Coulanges, 2006:84). Note-se que a

estrutura da fratria incluía “assembleias [cujas] deliberações [eram verdadeiros] decretos” (Coulanges, 2006:84) que depois eram promulgados pelo fratriarca e obedecidos com rigor por todos os indivíduos das famílias pertencentes à mesma fratria.

Com o passar do tempo as fratrias associaram-se para formarem uma tribo que adotava uma determinada religião cuja adoração tinha como objeto outro deus, suposto ser mais poderoso do que o de cada família e mesmo do de cada fratria. No entanto, esse deus “era da mesma natureza que o da fratria ou o da família” (Coulanges, 2006:84). Normalmente, da mesma maneira como fora Nimrod também o deus da tribo “Era um homem divinizado, um *herói*” (Coulanges, 2006:84). Alguns desses heróis acabaram por ser aclamados como chefes, que eram suseranos sobre todos os indivíduos da tribo. Por seu turno, todos os indivíduos da tribo “deviam submeter-se [aos decretos da assembleia e às ordens do] ...chefe, *tribunas, phylobasiléus*” (Coulanges, 2006:84).

Foi com a conglomeração das fratrias que “a cidade começou a existir” (Coulanges, 2006:90), baseando-se em “pequenos grupos, há muito constituídos, que se agregaram entre si” (Coulanges, 2006:84). Ou seja, “Várias famílias formaram a fratria, várias fratrias formaram a tribo, várias tribos formaram a cidade” (Coulanges, 2006:90).

Bastos (2016:48-49) explica que desde os tempos da Idade Antiga “eram as questões religiosas que influenciavam e/ou determinavam os assuntos políticos centralizados nas mãos de uma pequena aristocracia que se legitimavam no poder”. Já durante a Idade Média a “expansão do feudalismo...[acentuou] a hierarquização [da sociedade na qual] ... as relações sociais tinham como base a suserania e [a] vassalagem, isto é, o nobre suserano... [e o] camponês vassalo” (Bastos, 2016:49). Durante a Idade Média o processo atrás mencionado era “sempre mediado pela instituição religiosa, representada à época pela Igreja Católica que ia além do campo espiritual” (Bastos, 2016:49). De acordo com Bastos (2016:49), “religião e política...manifestam uma série de fatores convergentes que os aproximam permitindo uma imbricação dos seus elementos estruturantes”. O acima exposto representa o quadro de referência da sociedade até à era medieval.

Abaixo encontra-se um estudo sobre o cristianismo com a *kenosis*; o mistério da encarnação de Jesus Cristo e a Sua assunção da mundanização da sociedade humanizada conforme interpretada pelos protestantes.

O cristianismo e a *kenosis*: O mistério da encarnação de Jesus Cristo e a Sua assunção da mundanização da sociedade humanizada conforme interpretada pelos protestantes

Relativamente ao cristianismo com o conceito de *kenosis* (mistério da encarnação de Jesus Cristo), os protestantes interpretavam a *kenosis* e o seu significado como o ministério terreno do Deus-Jesus e também como a Sua assunção da mundanização da sociedade humanizada. Note-se que o pensamento cristão sempre foi o de que Deus entrara no tempo e no espaço físico, tornando-Se o Autor da História e do meio social que interliga a raça humana.

O mistério da encarnação do Verbo Divino é a figura central do cristianismo devido ao facto de Deus ter-Se tornado um ser humano como qualquer outro humano. Esse processo é teologicamente descrito no original grego do *Novo Testamento* como ‘*kenosis*’; ou seja, o esvaziamento de Deus para Se tornar Homem (Silva & Colli, 2017:19). Este conceito teológico baseia-se em *Filipenses 2:5-11* (JFA-RC) como segue,

De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, ⁶que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. ⁷Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz. ⁹Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, ¹⁰para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, ¹¹e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (Filipenses 2:5-11).

Deste modo, Cristo assume a condição perversa da mundanização da sociedade, regenerando-a, porque “Deus amou o mundo de tal maneira” (*João 3:16*) (JFA-RC). Dessa forma Cristo dessacralizou a sociedade humana que nada tinha de sagrada se comparada aos padrões de santidade existentes e decretados nas Suas dimensões celestiais. Assim, Jesus viera ao mundo para implementar o Seu Reino nos corações humanos e no meio das suas interações sociais na terra por meio dos processos redentores que estabelecera pela Sua mensagem, morte, ressurreição, ascensão ao céu e derramamento do Paracleto divino no Dia de Pentecostes (*Atos 2:1-4*) (JFA-

RC). Como afirmou Buys (1960:7), “Jesus veio para iluminar os homens...”. Como ilustração dessa iluminação, “Jesus curou [o cego] ...para lhe dar a luz material dos seus olhos, mas sobretudo para fazer penetrar-lhe na alma e nas dos assistentes, por meio do milagre, outra luz, a luz da fé” (Buys, 1960:7).

No entanto, o curso histórico-religioso dos cristãos católico-romanos tomou um rumo diverso daquele visionado por Jesus Cristo que afirmara que o Seu Reino não é deste mundo (*João 18:36*) (JFA-RC). Seguindo os seus próprios interesses, a liderança católico-romana pretendia a imediata implementação do Reino de Deus na terra. Assim, durante a Idade Média o Papa, o Vaticano e a Igreja Católica Romana deviam ser considerados politicamente como tendo autoridade superior sobre os soberanos da Europa, numa posição antagónica aos desígnios divinos como considerados pela Reforma Protestante. Ou seja, o ‘cristianismo tradicional católico-romano’ foi mais longe do que o pensamento de Cristo, considerando-se a si mesmo como a religião definitiva e que para os seguidores do Papa era a imediata implementação do Reino de Deus na terra.

No entanto, o desafio frontal oriundo de várias fontes que combatiam e pretendiam substituir o conceito sacro-político vigente na Idade Média europeia centrado no Vaticano, acabaria por estabelecer-se. Mas esse desafio também foi longe demais; na sua trajetória adversa ao conceito sacro-político católico-romano veio a desviar-se para a longínqua posição a que Nietzsche (2002:451) apelidou de “morte de Deus”. E a mundanização da sociedade europeia estabeleceu-se definitivamente como consequência da morte do papel do divino nas sociedades, iniciando-se o processo da secularização associado ao da globalização. As sociedades europeias estavam intoxicadas com o conceito de Deus (Nichols, 1998:4-5); ou, pelo menos, o deus do qual Spinoza e Novalis falavam “...não era, evidentemente, o dos cristãos [no sentido] ortodoxo”. Consequentemente, “Vivemos numa era secular” (Moniz, 2017:131).

O debate acerca do papel de Deus na sociedade ganhou maior expressão após a Grande Revolução (Great Revolution) na América em 1789. Para esse debate contribuíram pensadores como Dennis Diderot (1713-1784) e o Barão d’Holbach (1723-1789) com o livro intitulado *Système de la Nature* (O Sistema da Natureza) provavelmente publicado em conjunto em 1770 (Nichols, 1998:6-7). Foi a partir

dessa fonte de pensamento que se baseou o novo conceito atrás referido, fonte essa apoiada por Georg W.F. Hegel (1770-1831) no seu volume acerca do significado da história e intitulado *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte* (Palestras Sobre a Filosofia do Cozinhado) (1837). A partir daí o conceito de ‘ateísmo’ adotou o seu significado atual. Isto é, “o ateísmo permanece conceptualmente parasitário do teísmo que nega” (Nichols, 1998:7).

Dessa forma “Os católicos (tal como outros cristãos) foram subitamente confrontados com um programa subversivo não só do seu Evangelho” (Nichols, 1998:7). Esse confronto foi retratado pelo artista surrealista germânico Max Ernst em 1926 cujo quadro pintado foi marcado pela irreverência modernista. De acordo com MacCulloch (2009:769) “Ernst pintou a Virgem Maria aplicando ao jovem Jesus uma boa palmada nas nádegas desnudadas e visíveis porque o Menino estava deitado sobre os joelhos da mãe, com a auréola do Menino nu a cair ignominiosamente no chão”.

Instalou-se a nova cosmovisão; A sociedade europeia começou a ver e a interpretar o mundo sob uma nova ‘perspetiva global’. O processo de urbanização da sociedade europeia juntamente com uma interação internacional mais facilitada contribuiu imensamente para a renovada visão do mundo, que por sua vez se afastou cada vez mais da arcaica visão tradicional de mundo da Igreja Católica Romana. Segue-se a abordagem acerca da contribuição do Humanismo europeu para o debate acerca da teologia política.

A contribuição do Humanismo europeu para o debate acerca da teologia política

Relativamente à abordagem acerca da contribuição do Humanismo europeu para o debate acerca da teologia política é importante lembrar que durante o século XIV muitos europeus da classe alta passaram a adotar essa nova filosofia de vida. De acordo com Redhead (2007:12) o ‘Humanismo é “uma filosofia de vida que se concentra nos seres humanos, nos seus valores, capacidades, e valor individual”’. Esse atrevimento da classe social europeia mais elevada fez-se ao arrepio da situação há muito estabelecida pelo impacto das posições adotadas pela cúria da Igreja Católica Romana.

O Humanismo iniciou um debate transformador envolvendo filosofia, ética, razão e particularmente teologia. Giovanni Pico Della Mirandola (conhecido por Pico) foi um

dos iniciadores do Humanismo. De acordo com Pico (1956:20-21), “A filosofia natural, portanto, não pode assegurar-nos uma paz verdadeira e inabalável. Conceder tal paz é antes o privilégio e o ofício da rainha das ciências, a santíssima teologia”. Mas, apesar desse entendimento de Pico, a contribuição fundamental do Humanismo para a dessacralização da política foi a que a vida humana e o universo começaram a ser compreendidos de acordo com uma filosofia de vida renovada e quiçá autónoma do padrão tradicional católico-romano.

O resultado foi que, à luz de uma visão dessacralizada do mundo em que o estado e a religião não precisam caminhar interligados, as relações na sociedade deviam ser reavaliadas a partir de então. Por conseguinte, desde o século XIV na sociedade cristã ocidental, o conceito de dessacralização da política e do poder cresceu exponencialmente em países mais sob a influência da Reforma e do Protestantismo. Segue-se um estudo acerca da dessacralização da política e a consequente humanização, liberalismo e secularização.

O Renascença, a Reforma e a Revolução Científica: O impacto do protestantismo na dessacralização da política e no consequente humanismo, liberalismo e secularização

Fundamentalmente, foram três os movimentos que mais contribuíram para a dessacralização da política na Europa e que se espalhou a nível global: O Renascença, a Reforma e a Revolução Científica (Theodoridis, 2014:47). Apesar da importância desses movimentos no processo da secularização global abordar-se-á em particular o impacto da Reforma por estar intimamente relacionado com o debate sobre a ‘teologia política’, tema a que este artigo se propôs estudar. Assim, segue-se o estudo acerca da contribuição do Renascença para a secularização da política.

O impacto do Renascença na secularização da política

A ‘Renascença’ com o seu ‘humanismo’ promovido por Giovanni Pico Della Mirandola (Pico) foi uma das forças que definitivamente provocaram a mudança dramática da tradicional visão de mundo na Europa. Originada em Itália no século XIII, a Renascença era “conhecida pelo Renascença da arte clássica, arquitetura, literatura, e aprendizagem” (Redhead, 2007:12). A importante contribuição da Renascença relativa ao tema deste artigo está ligada ao papel interpretativo que deu ao estudo da *Bíblia*. De acordo com Villiers (2002:20), “Não se tratava apenas de a

Vulgata Latina ser substituída pelos originais [bíblicos] hebraicos e gregos”; isto é, “O progresso e o processo de renovação teve inevitavelmente de afetar a compreensão da religião. Não era suficiente criticar a religião tradicional. Para que a sociedade avançasse, a religião seria um dos alvos principais do processo de renovação” (Villiers, 2002:23). Para os mentores do projeto Renascentista, “a renovação religiosa na época renascentista não podia ter lugar à margem da sociedade ou afetar apenas o indivíduo isolado” (Villiers, 2002:25). Assim, Villiers (2002:25) afirma que a Renascença “Visou a religião a todos os níveis e certamente também a nível institucional”. Consequentemente,

O que aconteceu efetivamente foi que já na Renascença as críticas à Igreja como instituição e à educação do indivíduo forneceram as dinâmicas para a força crescente da desconfessionalização que veio a estar tão em primeiro plano mais tarde no Iluminismo (Villiers, 2002:25).

Relativamente à *Bíblia*, Villiers (2002:30) afirma que “Os efeitos das críticas à religião tradicional sobre a interpretação da *Bíblia* eram múltiplos. As consequências óbvias incluíam a rejeição de formas externas de autoridade”. Assim,

A compreensão da *Bíblia* já não devia ser aceite com base na interpretação da diretiva de alguém numa posição clerical ou eclesiástica. Uma interpretação particular não podia ser aplicada sob a ameaça de punição.

Isto é, os textos bíblicos

Tornaram-se objetos de estudo principalmente devido à sua ética natureza. No âmbito da crítica à religião tradicional, há foi uma mudança subtil, mas de grande alcance, nesta posição. Um ensino veio a ser considerado como autoritário porque estava contido nos originais da *Bíblia* em hebraico ou em grego.

Para os renascentistas

As práticas começaram agora a ser questionadas quando lhes faltava fundamento em fontes bíblicas. Tornou-se assim não só uma questão de rejeitar instruções externas sobre a *Bíblia* ou de aceitar uma interpretação devido à sua natureza moral, mas em muitos casos era uma questão de legitimar uma interpretação porque podia ser baseada em pronunciamentos bíblicos. Cada vez mais o sentido literal da *Bíblia* ganhou o estatuto normativo".

Desta forma a Renascença contribuiu imenso para is ideais da Reforma Protestante cujo contributo para a secularização da política é abordado a seguir.

O contributo da Reforma Protestante para a secularização da política

O impacto da Reforma Protestante na dessacralização da política e consequente humanismo, liberalismo e secularização deve ser visto no contexto do Renascimento como abaixo de descreve. No entanto, é necessário sublinhar que enquanto o Renascimento não se demarcou definitivamente do catolicismo-romano, uma das consequências da ação da Reforma Protestante foi que “A rutura na estrutura eclesiástica estava irrevogavelmente feita, criando um amplo espectro de ideias e atitudes, que cada vez mais se distanciou da Igreja Católica” (Theodoridis, 2014:47). A rutura atrás mencionada descentralizou o cristianismo, tornando-o num “cristianismo plural” (Theodoridis, 2014:47). Ou seja, rompeu-se a tradicional unidade de pensamento em torno da Igreja Católica Romana e da Santa Sé em particular. O contributo da Reforma Protestante para a secularização abrangeu várias áreas mencionadas a seguir, sendo a primeira dessas áreas a democratização da literacia, promovida para a sociedade em geral.

Consequências da Reforma Protestante I: A promoção da literacia para se ler a *Bíblia*

Relativamente às consequências da Reforma Protestante Becker, *et al*, (2016:23) afirmam que “...abrange uma vasta gama de áreas: instituições como as escolas (e consequentemente a acumulação de capital humano), governação, desenvolvimento económico, concorrência no mercado dos media, ética (de trabalho), antissemitismo, e muitas mais”.

Uma dessas consequências foi o impacto da Reforma Protestante na promoção da literacia por Martinho Lutero (incluindo escolas para meninas) (Becker, *et al*, 2016:28) com o objetivo de que todos os fiéis protestantes pudessem ler a *Bíblia* (Becker, *et al*, 2016:27). Desta forma, “O desejo de Lutero pela igualdade relativa de género na educação teve efeitos a longo prazo” (Becker, *et al*, 2016:28). A partir do ano 1500 os cidadãos dos países de inclinação protestante passaram a ter um maior nível de literacia do que os dos restantes países europeus segundo dados de 1871 (Becker, *et al*, 2016:27). De acordo com Becker, *et al* (2016:27),

As diferenças nas taxas de alfabetização em 1871 entre áreas protestantes e católicas explicam as diferenças no desenvolvimento económico, medidas por substitutos como as receitas do imposto sobre o rendimento e a percentagem da força de trabalho na indústria transformadora e nos serviços.

Mas não foi apenas Martinho Lutero que assumiu a promoção da literacia; outros reformadores defenderam a literacia da sociedade em geral como Huldrych Zwingli em Zurique e João Calvino em Genebra (Becker, *et al*, 2016:28). O impacto das medidas protestantes da era da Reforma não apenas inculcou em grande parte dos cidadãos a capacidade de leitura com também a aptidão de compreensão e igualmente a idoneidade de lidar com outras áreas cognitivas como por exemplo as ligadas à história, à escrita de monografias e à matemática (Becker, *et al*, 2016:28). Segue-se a abordagem do desenvolvimento do capital humano promovido pela Reforma Protestante.

Consequências da Reforma Protestante II: O desenvolvimento do capital humano

Outra das áreas em que a Reforma Protestante foi impactante prende-se com a “...ênfase [sobre] a importância das ordenanças eclesiais na promoção da acumulação de capital humano” (Becker, *et al*, 2016:27). O desenvolvimento individual provocou imenso desenvolvimento económico e social no mundo ocidental pautado pelos ideais do protestantismo. Como consequência deve mencionar-se aqui a chamada ‘ética protestante’ abordada por Max Webber na sua obra intitulada *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. De acordo com Weber (1904-1905:12),

...principalmente na Alemanha: ...os homens de negócios e donos do capital, assim como os trabalhadores mais especializados e o pessoal mais habilitada técnica e comercialmente das modernas empresas é predominantemente protestante.

O ascetismo evangélico com o seu rígido afastamento do mundo é estudado abaixo como outra das consequências da Reforma Protestante.

Consequências da Reforma Protestante III: O asceticismo evangélico com o seu rígido afastamento do mundo

O rígido afastamento do mundo é mais um aspeto que deve ser considerado como a tendência de os membros das igrejas protestantes/evangélicas de adotar uma vida ascética a que chamam de ‘santidade’. Este asceticismo reflete-se na separação de tudo o que seja mundano. De acordo com Weber (S-d:68), os protestantes adotaram

Um rígido afastamento do mundo, no sentido de que todo [o] intercâmbio não estritamente necessário com as pessoas mundanas, juntamente com a mais estrita bibliocracia, no sentido de assumir como modelo a vida das primeiras gerações de cristãos.

Weber (S-d:69) afirma que o rígido afastamento do mundo deve ser a consequência da ação divina do Espírito Santo na vida do crente que “conduzir[á] a um estado de...completo triunfo sobre o poder do pecado”. Weber (S-d:69) explica que desde os tempos da Reforma o desejo das comunidades protestantes e evangélicas é o de pautar a experiência de vida “pela conduta inocente d[os] seus membros. Um repúdio sincero do mundo e d[os] seus interesses, uma incondicional submissão a Deus que nos fala por meio da consciência”. Afinal, esses deviam ser “os sinais indubitáveis da verdadeira redenção, e o tipo de conduta correspondente era pois indispensável para a salvação” (Weber, S-d:69). Os crentes protestantes e evangélicos esperavam silenciosamente pela intervenção divina diretamente nas suas vidas. Weber (S-d:69) afirma,

A finalidade desta espera silenciosa é sobrepujar tudo o que é impulsivo e irracional, as paixões e os interesses subjetivos do homem natural. Ela é a de se aquietar, para criar aquele profundo repouso da alma, única condição em que a palavra de Deus pode ser ouvida.

Adicionalmente, Weber (S-d:69) sublinha,

...esta espera pode resultar em condições históricas, profecias, e, enquanto perdurarem esperanças escatológicas, em certas circunstâncias, mesmo no surgimento de entusiasmo quiliástico, como é possível em todos os tipos similares de religião. E isso de fato aconteceu no movimento que se fragmentou em Münster.

A consequência da santidade pessoal, desta atitude de rígido afastamento do mundo, baseava-se no princípio da “...ideia [de] que Deus fala apenas quando a carne se cala” (Weber, S-d:69).

Mais tarde, o ascetismo evangélico era acompanhado também da prática do ‘batismo nas águas’ a que o fiel evangélico se submetia como sinal da sua decisão definitiva de seguir as pisadas do seu Mestre Jesus. O batismo nas águas “...significou evidentemente um incentivo para a ponderação deliberada do curso do humano agir e da sua cuidadosa justificação em termos de consciência individual” (Weber, S-d:69). Consequentemente, “o batismo afetou [positivamente] o mundo do trabalho normal” (Weber, S-d:69). Um dos exemplos evidentes dessa quietude são os Quakers que “adotaram este carácter quieto, moderado e eminentemente consciencioso na sua conduta...a prática do ascetismo laico” (Weber, S-d:69).

No entanto, é importante que se diga que ao contrário de outros ascetismos, segundo a regra do ascetismo evangélico “A vida religiosa dos santos, divergindo da vida

natural, não era vivida retirada do mundo, em comunidades monásticas – e este é o ponto mais importante – mas em meio ao mundo e suas instituições” (Weber, S-d:72). Ou seja, ao contrário do asceta cristão católico-romano ou ortodoxo que “de início se retirava do mundo para a solidão, [procurava] regra[r] o mundo ao qual renunciara a partir do mosteiro e por mais da Igreja” (Weber, S-d:72).

...no geral, [o ascético protestante e evangélico] tinha deixado intacto o caráter naturalmente espontâneo da vida laica no mundo. Agora avançava para o mercado da vida, fechando atrás de si a porta do mosteiro; tent[ando] penetrar justamente naquela rotina de vida diária, com [a] sua metodicidade, para amoldá-la a uma vida laica, embora não para e nem deste mundo (Weber, S-d:72).

Segue-se o estudo acerca da difusão generalizada da *Bíblia* e do seu impacto na vida doméstica dos fiéis.

Consequências da Reforma Protestante IV: O impacto da *Bíblia* na vida doméstica dos protestantes e evangélicos

É importante sublinhar o papel que a Reforma Protestante atribuiu à *Bíblia* por ser de “...enorme importância para uma religião baseada na *Bíblia* (MacCulloch, 2009:827)” MacCulloch (2009:828) afirma que,

...a 'Bíblia da Família'... tornou-se um símbolo de sucesso doméstico. Foi falada por vendedores de porta em porta, da mesma forma que as enciclopédias seriam no século XX, ostentando uma capa de couro impressionantemente decorada, aberta cerimoniosamente para as crianças com dedos limpos....e permanecendo sobre as suas orgulhosas entradas os nascimentos da família, os casamentos e as mortes numa bonita página de modelo iluminada.

Desde os tempos da Reforma Protestante que a produção de *Bíblias* foi imensa. Por exemplo, “...entre 1808 e 1901...a Sociedade Bíblica Britânica Para as Nações (British Foreign Bible Society) produziu mais de 46 milhões de *Bíblias* completas” (MacCulloch, 2009:827-828).

Apesar de a *Bíblia* continuar a ser o livro mais vendido do mundo “a interpretação da *Bíblia* no mundo moderno, é negligenciada” (Villiers, 2002:20). De acordo com Lensch (2003:27), “A influência da *Bíblia* e do Cristianismo espalhou-se, em termos gerais, uma pessoa de cada vez. Este é o plano mestre da Grande Comissão de Cristo, para se espalhar por todo o mundo e para ‘fazer discípulos’ um a um”. De acordo com Lensch (2003:27),

Não deve negar-se o impacto positivo do cristianismo na cultura ocidental. Juntamente com as formas externas de cristianismo no

Ocidente estabeleceram-se também princípios bíblicos, porque onde o cristianismo nominal se espalhou a *Bíblia* foi considerada como o livro de Deus.

Como resultados, Lensch (2003:27),

Para citar alguns, a *Bíblia* influenciou as crenças tradicionais ocidentais sobre a cosmologia (Deus separado da Sua criação), acerca da antropologia (a dignidade da humanidade justaposta pela natureza caída da humanidade), e a justiça (universal e equilibrada). Estas crenças, naturalmente, moldaram as instituições e as tradições ocidentais.

Segue-se o estudo acerca do estabelecimento do espírito do capitalismo como outra das consequências da Reforma Protestante.

Consequências da Reforma Protestante V: O estabelecimento do espírito do capitalismo

Relativamente ao estabelecimento do espírito do capitalismo é importante que se explique aqui que de acordo com Weber (S-d:70), “...a imensa importância atribuída pela doutrina [bíblica] da salvação ao papel da consciência como revelação de Deus ao indivíduo, deu à sua conduta na vida laica um caráter que teve o maior significado no desenvolvimento do espírito do capitalismo”. Weber (S-d:70) sublinha o facto de que “a ética política e social do ascetismo protestante” foi “o mais importante princípio da ética capitalista, formulado geralmente como ‘a honestidade é a melhor política’” (Weber, S-d:70). A implicação desse princípio ético adotado pelos protestantes e evangélicos é o de que o crente protestante e evangélico tem o dever de trabalhar bem e sem interrupções desnecessárias, de não gastar dinheiro com tabaco ou com o consumo de álcool, e de não gastar dinheiro desnecessariamente com produtos supérfluos. Dessa maneira deverá poupar dinheiro para ser investido de modo a providenciar para dias vindouros mais difíceis.

Assim, desde os tempos da Reforma Protestante “as forças religiosas que se expressavam por esses [princípios de conduta ética] eram as influências decisivas na formação do caráter nacional” (Weber, S-d:73). Segue o estudo acerca do contributo da Revolução Científica para a secularização da política.

O contributo da Revolução Científica para a secularização da política

Conjuntamente com o Renascimento e a Reforma Protestante, a Revolução Científica também contribuiu para a secularização da política de acordo com Theodoridis (2014:47-48) que afirmou, “...a Renascimento, a Reforma e a Revolução Científica,

encerraram juntas a hegemonia cultural da Igreja Católica na Europa e a ciência virá a emergir como a nova crença no Ocidente oriunda desta profunda transformação”. Theodoridis (2014:48) adiciona que “Neste caminhar, o advento do racionalismo da ciência moderna nos [anos mil e] seiscentos efetuou ruturas no pensamento humano, acarretando...novos paradigmas do saber”. Assim, é importante lembrar que o racionalismo viria a fornecer a base ideológica do novel movimento filosófico conhecido como Iluminismo. Iluminismo que baseava os seus ditames filosóficos na autonomia do ser humano, na sua liberdade de usar a razão, no seu livre pensamento e na valorização do ser humano como um todo. Iluminismo esse baseado em Copérnico, Galileu e Newton, pensadores e cofundadores da ciência natural a quem se juntaram Locke, Montesquieu, e Rousseau (Mello & Donato, 2011:249). De acordo com Mello & Donato (2011:249),

Nesse movimento que iniciou, aprofundou-se o processo da transformação social e técnica – em detrimento da metafísica e dos cálculos esotéricos – sem precedentes na história da humanidade. Era, então, com a popularização da ciência que alcançaríamos um grau de desenvolvimento [mais elevado].

No entanto, Mello & Donato (2011:249) afirmam que

...seria só após a Revolução Francesa que este modelo de racionalidade se estenderia mais fortemente às outras nações e sociedades. Paradigmas que acabavam por reconduzir a duas distinções fundamentais do saber: primeiro, o conhecimento científico sobrepondo-se ao conhecimento religioso e do senso comum e; em segundo, entre a natureza e a sociedade.

Libertado o pensamento científico, “O conhecimento...avançaria as fronteiras do imaginário e teria um caráter descomprometido e livre pela observação científica” (Mello & Donato, 2011:249). No contexto da formatação de novos paradigmas históricos

O pensamento iluminista tem como fundamentos a crença no poder da razão humana de compreender [a] nossa verdadeira natureza e de ser consciente d[as] nossas circunstâncias. O homem, então, [deve] ser o detentor de seu próprio destino, formulando o racionalismo e contrariando as imposições de caráter religioso, [a] sua “razão” divina de existir, e os privilégios dados à nobreza e ao clero – ainda predominantes à época (séculos XVII e XVIII) (Mello & Donato, 2011:252-253).

Considera-se o final da Revolução Francesa como marco histórico divisor entre a Idade Antiga e a Modernidade (Mello & Donato, 2011:251). Torres (S-d:128) explica que “A Revolução Francesa revestiu-se de importância mundial dadas as

repercussões que teve nos outros países. Por isso, o ano de 1789 marca novo período histórico: *A Idade Contemporânea*”.

De acordo com Mello & Donato (2011:251) “Essa mudança subjetiva surgiria com a ideia de progresso, de ruptura com o passado... E, em geral, se encontraria associada com algum evento significativo tomado como um marco histórico – neste caso, a Revolução Francesa”. Esse renovado progresso caracterizar-se-ia “pela aceleração [dos conhecimentos e avanços científicos] ...e [pelo] seu carácter desconhecido” (Mello & Donato, 2011:252). Como Mello & Donato (2011:252) argumentam, “A aceleração tornar-se-ia uma tarefa de planeamento temporal, principalmente a partir do século XVIII e pós-Revolução, onde o vetor fundamental da moderna filosofia da história seria o cidadão emancipado do absolutismo e da Igreja [Católica Romana]” (Mello & Donato, 2011:252). Entretanto, “a arte do cálculo político adquiri[u] [o] seu refino ao longo dos séculos XV ao XVIII, sendo os pensadores do século XVIII responsáveis sobremaneira pela mudança histórica abarcada pela Revolução” (Mello & Donato, 2011:252).

Assim, “...o **Iluminismo introduzia a problemática da secularização** [minha ênfase] no momento em que as ordens religiosas eram questionadas, além de denunciar as intromissões e injustiças promovidas pela instituição [do Vaticano] na política dos Estados” (Mello & Donato, 2011:252).

Relativamente à contribuição da Revolução Científica para o processo de secularização Tarnas (1999:270) afirma, “A Revolução Científica foi a expressão final do Renascimento e também [a] sua contribuição definitiva para a moderna visão de mundo”. Abaixo segue o estudo acerca da secularização nas vertentes da religião, da política e da racionalidade na sociedade ocidental moderna.

A secularização: Religião, política e racionalidade na sociedade ocidental moderna

O estudo da religião e da política na sociedade ocidental moderna é necessário no contexto deste artigo. A modernidade no mundo ocidental experimenta-se com três facetas intrinsecamente conectadas: São estas a religião, a política e a racionalidade (Gomes & Magalhães, 2008:79). De acordo com Gomes & Magalhães (2008:79), é necessário compreender-se que “a racionalidade de um religioso diverge da racionalidade de um político e que ambas divergem da racionalidade de um cientista”. Neste contexto, Gomes & Magalhães (2008:79) explicam a

...sociedade ocidental como um processo contínuo de racionalização do mundo que se dá no sucessivo enquadramento das relações sociais em regras objetivas, cuja faceta ‘macro’ mais evidente manifesta-se na burocratização das formas de dominação carismáticas e tradicionais, e, num enfoque ‘micro’, indica a noção de racionalidade da ação individual como o tipo ideal para compreensão da ação social.

Ou seja, no ocidente a interação entre a religião, a política e a ciência produz uma vida social na qual a racionalidade aparece com as suas estruturas próprias de “consciência típicas dos contextos da modernidade” (Gomes & Magalhães, 2008:79). Essa modernidade inclui agentes de racionalização onde se percebe “uma autonomia crescente entre [os] seus procedimentos cognitivos, [as] suas crenças morais e [as] suas expressões estéticas” (Gomes & Magalhães, 2008:79-80).

Um dos traços principais da racionalização na sociedade moderna é “o desencantamento histórico do mundo, separando a dimensão religiosa das estruturas morais e legais da ordenação da vida social” (Gomes & Magalhães, 2008:80). A sociedade moderna no ocidente deve ser compreendida como um “desdobramento [da] modernidade em sociedades nas quais as esferas de valor científico, estético e moral se separam, constituindo lógicas próprias” (Gomes & Magalhães, 2008:80). Segue-se a abordagem sobre a religiosidade moderna com a sua centralidade nas questões da dessacralização da sociedade e do indivíduo.

A religiosidade moderna com a sua centralidade nas questões da dessacralização da sociedade e do indivíduo

Relativamente à abordagem sobre a religiosidade moderna com a sua centralidade nas questões da dessacralização da sociedade e do indivíduo e no contexto acima exposto, Almeida (2017:34) argumenta ser necessário compreender-se a religiosidade moderna com a sua centralidade nas “questões da dessacralização da sociedade e do processo de secularização da religião, ambas modificadoras da estrutura social europeia”. No entanto, a adoção pelas sociedades ocidentais modernas dessa dessacralização da sociedade e a aceitação generalizada da secularização tiveram consequências profundas; choques brutais que moldaram a modernidade na sociedade. De acordo com Almeida (2017:34), “Tais consequências são entendidas como as diversas modificações socioeconómicas e político-culturais ocorridas com o desmantelamento da sociedade feudal e o desenvolvimento da sociedade capitalista”. Assim, “O processo de secularização deve ser entendido como um processo racional empreendido pela esfera civil desde o princípio da Era

Moderna e [as] suas transformações e conseqüências ainda ecoam no modo de vida contemporâneo” (Almeida, 2017:34). Adicionalmente, Almeida (2017:34) afirma que

A secularização também deve ser compreendida, no limite, como a deslegitimação do poder da esfera eclesiástica - defensora e reprodutora dos valores do sagrado — para a legitimação do poder da esfera civil e laica, possuindo como orientação valores não-sagrados, portanto, profanos aos olhos do religioso, diferenciando-se assim das instituições que se serviam da ideologia religiosa dominante.

Mas, independentemente das opções de pensamento, de opinião, de religião ou de crença, todos os indivíduos devem ser considerados como cidadãos numa sociedade secularizada. Neste contexto, também o elemento religioso passa a fazer parte integrante do mercado de ideias do todo secular, contribuindo para a sua formação. Neste contexto, as Nações Unidas adotaram como um dos direitos fundamentais o direito à liberdade religiosa que é o direito a optar por alguma religião ou de preferir assumir-se como não tendo religião nenhuma conforme a *Declaração Universal dos Direitos do Homem* Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas Resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948 (Artigo II, Parágrafo 1; e Artigos XVIII, XIX e XX). Segue-se o estudo acerca dos efeitos da secularização na sociedade moderna ocidental.

A dessacralização bidimensional: Efeitos da secularização na sociedade moderna ocidental

Na sociedade ocidental os efeitos da secularização não se limitam “...à separação da esfera religiosa da laica” (Almeida, 2017:34). De facto, esse processo de secularização situa a sua ação numa esfera muito mais individual e de forma personalizada. Assim, numa outra dimensão a secularização deve ser também compreendida como a

...dessacralização do [próprio] homem [do ser humano e] impõe-lhe a libertação da esfera religiosa, legando-lhe a autonomia para se orientar ética e moralmente por esferas não-religiosas, nas quais predominam as conseqüências do pensamento racionalista herdado do Renascimento e do Iluminismo (Almeida, 2017:34-35).

A dessacralização bidimensional atrás referida teve várias conseqüências. A *primeira* conseqüência foi “a rutura dos esquemas tradicionais que faziam das instituições religiosas agências reguladoras do pensamento e da ação dos indivíduos” (Almeida, 2017:35). Consequentemente, nas suas vertentes

bidimensionais a secularização estabeleceu definitivamente e de forma inequívoca “o pluralismo religioso, ou seja, uma variada gama de opções religiosas destinadas à libertação do individual” (Almeida, 2017:35). Abaixo segue o estudo acerca dos consumidores religiosos’ e a proliferação de novos movimentos religiosos, ou seja, outras consequências da secularização na sociedade moderna ocidental.

Os ‘consumidores religiosos’ e a proliferação de novos movimentos religiosos: Outras consequências da secularização na sociedade moderna ocidental

Além das consequências do processo de estabelecimento da secularização no ocidente houve ainda outras que importa abordar para se compreender o fenómeno da secularização de forma abrangente.

Os ‘Consumidores religiosos’: A manifestação da secularização no ‘mercado religioso’

A consequência da secularização bidimensional manifesta-se mais evidente noutra esfera; isto é, no domínio do “mercado religioso” (Almeida, 2017:35). De acordo com Almeida (2017:35), o estabelecimento da libertação individual e do pluralismo religioso “propiciou a disputa e [a] rivalidade de grupos de crentes pelo ‘comprador’ religioso, cuja lealdade é disputada no ‘mercado religioso’, levando vantagem quem trabalhar melhor o *marketing* da fé”. Note-se que tal disputa e rivalidade entre as diversas correntes de fé forçam “...a religião e as instituições religiosas [a] passarem a trabalhar sob a pressão racionalizadora, causando uma situação competitiva que acarreta uma racionalização das estruturas socio religiosas” (Almeida, 2017:35). É nesse contexto de competitividade na esfera do religioso que

...proliferam os ‘consumidores religiosos’ que buscam produtos padronizados, descartáveis ou não, com o intuito de procurar nas mais diversas religiões a sua satisfação espiritual ou a sua própria compreensão do mundo religioso (Almeida, 2017:35).

O outro aspeto relacionado com o subtópico desta subsecção é a necessária abordagem à proliferação de novos movimentos religiosos conforme se estuda a seguir.

O ‘reencantamento do mundo’ e a proliferação de novos movimentos religiosos

Relativamente à proliferação de novos movimentos religiosos Almeida (2017:35) afirma que “Outra característica oriunda do processo de secularização é o surgimento e [o] desenvolvimento dos novos movimentos religiosos, resultado tanto

do processo de secularização como do pluralismo religioso”. Assim, no contexto de modernidade com as variadas ofertas propostas pelos antigos e novos movimentos religiosos o “religioso torna-se um andarilho ou um religioso peregrino marcado pela pouca coerência, inconstância de escolhas e volubilidade”. Na sua liberdade religiosa individual “Esse ser mutante e mutável [que é o ser humano] se locomove [n]um mundo de escolhas religiosas plurais. Cabe a ele [ou a ela] a palavra final sobre a sua compreensão do mundo e do universo” (Almeida, 2017:35). De acordo com Almeida (2017:35),

Essas vicissitudes geradas pelo processo de secularização na modernidade, proporcionando o aparecimento de novas religiões e do pluralismo religioso...se devem a um ‘reencantamento do mundo’ nas décadas finais do século XX.

De acordo com Almeida (2017:35), os teólogos da secularização e alguns sociólogos abordam a questão da secularização da modernidade ocidental como emblemática, na qual se manifesta “o maior mito moderno: o mito do progresso, alimentado pelas teorias evolucionistas dos positivistas do século XIX”. Refira-se que esse mito contemplava “o processo de racionalização do mundo e...o fim das religiões devido ao progressivo desenvolvimento das técnicas e da Ciência” (Almeida, 2017:35). No entanto, em vez de excluir o pensamento místico-religioso da sociedade, o mundo ocidental reinventou o antigo encantamento pelo divino, adaptando-o à realidade da secularização moderna na qual a sociedade enveredou por vias religiosas diversas das anteriores. Nesse sentido, o conceito positivista de ‘progresso’ tornou-se obsoleto e ultrapassado, contrário à predição dos “positivistas [para quem] a sociedade do futuro seria a-religiosa e altamente racional” (Almeida, 2017:36). A predição de que no futuro as religiões não poderiam sobreviver nessa sociedade” (Almeida, 2017:36) constatou-se fracassada, resultando daí que o processo de secularização inclui a religião apesar da sua transformação em pluralismo religioso e da proliferação de novas religiões.

Conclusões

Este artigo conclui que para a secularização experimentada no mundo ocidental contribuíram vários ingredientes de pensamento filosófico renovado, representados pelos seus eventos históricos. Essencialmente, esses eventos históricos tiveram como linha condutora o processo de dessacralização do poder e da política que culminou na adoção de uma nova teologia política. Assim, compreende-se o

consequente humanismo, o liberalismo, e a secularização como tendo permeado as sociedades modernas. No entanto, dentro da perspectiva da renovada teologia política a secularização inclui a religião, o humanismo, o liberalismo e a racionalidade como elementos essenciais da modernidade no ocidente. O tema lançado acerca dos direitos humanos e da liberdade religiosa em particular será abordado noutros artigos.

Referências bibliográficas

- Almeida, Marcos R.H. (2005 – 2017). ‘Religião e modernidade: algumas conclusões acerca do processo de secularização no ocidente’, *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, Nº 11: 33-45. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/10551/6854>. Acesso: 08.01.2022.
- Bastos, Ana C.A.C. (2016). ‘Um passeio pelo tempo: o poder dos aspetos religiosos na exclusão das pessoas com deficiência nas Idades Antiga e Medieval’, *Revista Caminhando*, Vol. 21, Nº 1, (jan./jun.):47-58.
- Bediako, K. (1995). ‘De-sacralization and Democratization: Some Theological Reflections on the role of Christianity in nation-building in modern Africa’, *Transformation*, 12(1): 5-11. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/026537889501200102>. Acesso: 29.12.2021.
- Becker, S.O., Pfaff, S., & Rubin, J. (2016). ‘Causes and consequences of the Protestant Reformation’, *ESI Working Paper 16-13*. Disponível em: http://digitalcommons.chapman.edu/esi_working_papers/178. Acesso: 03.01.2022.
- Buys, J. (Ed) (1960) *Jesus Cristo Luz do Mundo: Testemunhas de Cristo I*. São Paulo – Brasil: Livraria Editora Flamboyant.
- Câmara, Matheus B.P. (2014). ‘Espaço Sagrado e Espaço Doméstico: Um Estudo Sobre os Templos e as Casas no Antigo Egito’, *Alêtheia Revista sobre Antiguidade e Medievo*, Vol. 9, Nº 1.
- Ceglarska, Anna. (2018). ‘The Role of Myth in Political Thought’, *Krakowskie Studia z Historii Państwa i Prawa* 2018; 11 (3): 343–355. Disponível em: [doi:10.4467/20844131KS.18.023.9049](https://doi.org/10.4467/20844131KS.18.023.9049). Acesso: 29.12.2021.
- Costa, Emerson R. (2015). ‘Da relação entre religião e política: instrumentalização da dominação ou vislumbres de libertação’, *Revista Caminhando*, Vol. 20, Nº 1: 89-99. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CA/article/view/5747>. Acesso: 30.12.2021.
- Coustantes, Fustel de. (2006). *A Cidade Antiga*. São Paulo – Brazil: Editora das Américas S.A. Disponível em: <https://latim.paginas.ufsc.br/files/2012/06/A-Cidade-Antiga-Fustel-de-Coulanges.pdf>. Acesso: 31.12.2021.

- Gomes, José V.L. & Magalhães, Raul F. (2008). 'Max Weber e a Racionalidade: Religião, Política e Ciência', *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, Vol. 3, Nº 1/2, (Jan. – Dez.): 79-92.
- Lensch, Christofer K. (2003). 'Bible Translations: Impact on Modern Languages', *Western Reformed Seminary-WRS Journal*, Vol. 10, Nº 2 (August): 27-30. Disponível em: <https://www.wrs.edu/assets/docs/Journals/2003b/Lensch%20-%20Bible%20and%20Languages.pdf>. Acesso: 09.01.2022.
- Lenzi, Alan & Stökl, Jonathan (Eds). (2014). *Divination, Politics, and Ancient Near Eastern Empires*, Volume 7. Atlanta: Society of Biblical Literature ancient Near East monographs. Disponível em: https://www.sbl-site.org/assets/pdfs/pubs/9781589839984_OA.pdf. Acesso: 29.12.2021.
- MacCulloch, Diarmaid. (2009). *A History of Christianity*. Londres – Inglaterra: Penguin Books.
- Mello, Vico D.S. & Donato, Manuella R.A. (2011). 'O Pensamento Iluminista e o Afastamento do Mundo: Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático', *Revista Crítica Histórica*, Ano II, Nº 4, (Dez.): 248-264. Disponível em: <http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/118/O%20oPensamento%20Iluminista%20e%20o%20Desencantamento%20do%20Mundo.pdf>. Acesso: 08.01.2022.
- Moniz, Jorge B. (2017). 'Genealogia da Tese da Secularização: Da Sua Proveniência Pré-Sociológica À Sua Emergência na Sociologia do Século XIX', *Sociedade Y Religion*, Vol. XXVII. Nº 48: 130-163. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3872/387253374006.pdf>. Acesso: 03.01.2022.
- Nichols, Aidan. (1998). *Catholic Thought Since The Enlightenment: A Survey*. (First edition, first impression). Pretoria: University of South Africa.
- Nietzsche, Frederico. (2002). *Assim Falava Zaratustra*. (Versão para eBook), eBooksBrazil. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/zara.pdf>. Acesso: 01.01.2022.
- Pico, Giovanni P.D.M. (1956). *Oration on the Dignity of Man*. Gateway Edition. Chicago – USA: Henry Regnery Company. Disponível em: http://www.andallthat.co.uk/uploads/2/3/8/9/2389220/pico_-_oration_on_the_dignity_of_man.pdf. Acesso: 04.01.2022.
- Redhead, Pat (2007) *Our Worldviews: Teaching Resources*. Toronto - Canada: Thomson Nelson.
- Silva, Marcelo P. & Colli, Gelci A. (2017). 'Humilhação e Exaltação: Anotações exegéticas e, Filipenses 2:6-11', *Teologia e Espiritualidade*, Vol. 4 Nº 07 (Jun.): 19-32. Disponível em: <https://faculdadecristadecuritiba.com.br/storage/2018/11/Numero7-Junho-2017-Art2.pdf>. Acesso: 01.01.2022.
- TARNAS, Richard. (1999). *A Epopeia do Pensamento Ocidental*. Rio de Janeiro - Brazil: Bertrand Brasil.

- Theodoridis, Nicolas. (2014). *Arquitetura das Ideias: A dessacralização da sociedade ocidental e o advento da fé raciocinada no contexto europeu da 2ª metade do século XIX*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brazil. Disponível em: https://ppghc.historia.ufrj.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104-arquitetura-das-ideias-a-dessacralizacao-da-sociedade-ocidental-e-o-advento-da-fe-raciocinada-no-contexto-europeu-da-2-metade-do-seculo-xix&category_slug=dissertacoes&Itemid=155. Acesso: 04.01.2022.
- Torres, Ferreira. (S-d). *História Universal: Idade Moderna – Idade Contemporânea*. Vol. 3, 5ª Edição. Porto – Portugal: Edições ASA.
- Villiers, P.G.R. (2002). ‘Renaissance and Religion: The Bible in a Time of Radical Change’, *Acta Theologica*, Vol. 22, Nº 2: 19-46. Disponível em: <https://journals.ufs.ac.za/index.php/at/article/view/1554/1529>. Acesso: 09.01.2022.
- Weber, Max. (S-d). *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. A Foice e o Martelo. Disponível em: <http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/autores/Weber,%20Max/Max%20Weber%20-%20A%20C3%89TICA%20PROTESTANTE%20E%20O%20ESP%20C3%8DRITO%20DO%20CAPITALISMO.pdf>. Acesso: 04.01.2022.
- Nações Unidas. (1948). *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, (Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas Resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291022017015>. Acesso: 10.01.2022.

Recebido em 19 de Fevereiro de 2022
Aceite em 28 de Maio de 2022



Este artigo está licenciado sob a licença: [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Ao submeter o manuscrito o autor está ciente de que os direitos de autor passam para a Revista Olhar Científico.